



SENADO FEDERAL

REQUERIMENTO

Nº 34, DE 2005

(Do Senador Pedro Simon)

Requer a inclusão em ata de um voto de profundo pesar pelo assassinato do ex-Primeiro-Ministro do Conselho de Ministros da República do Líbano, Rafik Hariri.

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal, Senador Renan Calheiros,

Com fundamento no disposto no art. 218, inciso IV do Regimento Interno do Senado Federal, requieiro a Vossa Excelência a inserção em ata de um voto de profundo pesar pelo assassinato do ex-Presidente do Conselho de Ministros da República Parlamentarista do Líbano, Rafik Hariri, no dia 14 de fevereiro de 2005.

Justificação

Faleceu, na segunda-feira, em Beirute, vítima de violento atentado, um dos mais ilustres e competentes empresários libaneses e um dos mais ricos do mundo, que se revelou, ainda um administrador público da mais alta importância para a reconstrução do Líbano, após os muitos anos da guerra que assolou o seu território.

Rafik Hariri, nos anos em que exerceu o mais importante posto da hierarquia do Líbano, orquestrou e liderou a reconstrução daquele país histórico de quatro milhões de habitantes, em especial a da capital, e o recolocou na rota mundial dos negócios, do turismo e do lazer.

Em 1995 e, novamente no ano passado, esteve no Brasil falando de seus planos das relações diplomáticas e trazendo propostas interessantíssimas para o incremento do comércio entre o Brasil e aquela nação, cujas relações de grande amizade remontam ao sécu-

lo XIX, a ponto de a colônia libanesa montar chegar, hoje, a seis milhões de descendentes – maior que a população daquele país – muitos deles ocupando altos postos, inclusive na sua administração pública e no Congresso Nacional.

Filho de pais humildes, Rafik Hariri jamais concluiu os estudos. Abandonou o curso de contabilidade pela metade. Ainda assim, decidiu tornar-se construtor. Ergueu mesquitas, palácios e hotéis suntuosos. No fim dos anos 1970, quando os petrodólares inundavam os países árabes, ganhou a reputação de construir mais rápido e mais barato do que seus concorrentes. Caiu nas graças da família real saudita e logo passou a controlar uma das maiores empreiteiras do mundo, a Oger. Aos poucos, diversificou seus negócios. Criou uma das casas financeiras mais influentes do Oriente Médio, a Banque de la Mediterranée, e tornou-se um dos maiores acionistas individuais de colossos globais como DaimlerChrysler, Banque Nationale de Paris, Crédit Agricole e Citibank. Sua participação no Citi, mais tarde, acabou vendida a outro bilionário, o príncipe saudita Al Aweed.

Nos anos 1990, quando já era um dos homens mais ricos do mundo, dono das principais emissoras árabes de TV e patrimônio pessoal estimado em nada menos que US\$ 4 bilhões, trocou os negócios pela política. Foi primeiro-ministro do Líbano entre 1992 e 1998 e retomou ao cargo em 2000. Recebeu um país arrasado por várias guerras, mas, disposto a administrá-lo como se fosse sua própria empresa, privatizou o centro da capital Beirute e reconstruiu a cidade que já foi conhecida como a jóia do Mediterrâneo, por meio de um fundo de investimentos de US\$

12 bilhões, o Solidère. Nele, colocou US\$ 450 milhões do próprio bolso.

Homem que se tomou uma figura mítica e legendaria entre os empreendedores do Oriente Médio era Rafik Hariri, um libanês que apostou suas fichas no Brasil, quando de sua visita, no ano passado. O Banco Central deveria autorizar a Banque de la Mediterranée a atuar no mercado brasileiro. A idéia era servir de elo econômico entre as empresas nacionais e os investidores do Oriente Médio. O responsável pela operação do banco, que teria sede em São Paulo, deveria ser Suhail Yamut, um dos braços direitos de Hariri, que cuidava de seus negócios no Brasil. Além disso, um fundo de capital de risco, semelhante ao Solidère, também seria criado para buscar novas oportunidades de investimento no País, de preferência nos setores em que o Groupe Mediterranée já atuava, como mídia, seguros e o ramo imobiliário. “Os dois países têm economias complementares, laços culturais comuns e nós, do Líbano, podemos ser a porta de entrada do Brasil no mundo árabe”, disse Hariri, na ocasião.

Esse megaempreendedor, que levantou o maior conglomerado empresarial do Oriente Médio, comparável apenas ao da família saudita Bin Laden, cujo filho mais ilustre é o terrorista Osama, desembarcou em São Paulo na manhã do sábado, dia 7 de junho do ano passado. Hariri veio ao Brasil a bordo de um de seus Boeings 777, dos quais era o único no mundo a ter dois modelos.

Ele foi a estrela do planeta Líbano, num encontro que reuniu na capital paulista alguns dos maiores empresários e executivos de origem libanesa do mundo. Manteve encontros reservados com o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e com os governadores de São Paulo, Geraldo Alckmin, e de Minas Gerais, Aécio Neves, ambos interessados em vender as vantagens de seus estados para atrair investimentos, a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, também manteve encontro reservado, sendo convidada a ver de perto o que se fez em Beirute.

Seu projeto político se realizou em duas etapas: a primeira, a da reconstrução física de Beirute; a segunda, a recuperação do sentimento de nação libanesa. Poucos países têm tantos exilados quanto o Líbano. Lá, em seu pequeno território, com 210 quilômetros de ponta a ponta, vivem apenas 4 milhões de habitantes, sendo sua colônia no Brasil e nos EUA mais numerosas.

Como um destino seguro para novos negócios, Hariri manteve encontros privados com representantes

de grupos nacionais como Votorantim, Camargo Correa e Sadia, para demonstrar que o Líbano é o melhor entreposto para quem pretende exportar para os países do Oriente Médio ou participar da reconstrução do Iraque. Hoje, a principal concorrente de Beirute nessa disputa é a cidade de Dubai, nos Emirados Arabes.

No primeiro mandato de Hariri, a inflação foi debelada, a libra libanesa se valorizou e o país cresceu num ritmo próximo a 5% ao ano, como reflexo da simplificação de impostos, que criou uma taxa única de 10% na venda de todos os produtos. A renda **per capita** do Líbano já era, naquela ocasião, de US\$ 4,2 mil, superior à brasileira.

Desde que assumiu o poder, Hariri transferiu formalmente o comando executivo das empresas para seus filhos, que vêm administrando a expansão internacional do grupo. A Oger é hoje um dos maiores grupos de construção pesada da França. Hariri, amigo pessoal do presidente francês Jacques Chirac, foi um dos principais doadores na sua última campanha presidencial. A Oger também atua na Itália, no Reino Unido, no Marrocos, na Suíça e na Alemanha. Com a Ogertel, ele é um dos donos da Internet na Arábia Saudita. A Ogertelecom tem concessões de telefonia na Turquia, no Irã e na África do Sul. E suas empresas de mídia, como a Future TV e a ZenTVOnline, controlam mais de 60% da audiência no mundo árabe.

Com tantos negócios bem-sucedidos espalhados pelo mundo, Hariri tornou-se o maior filantropo do Oriente Médio. A Fundação Hariri, instalada em Sidon, sua cidade natal, já concedeu bolsas a mais de 30 mil estudantes libaneses, que concluíram os estudos superiores nos Estados Unidos ou na Europa. “De tudo o que fiz na vida, é esse meu maior motivo de orgulho”, disse. Seu objetivo era fazer do Líbano uma espécie de Cingapura do Oriente Médio. O plano envolve reconstruir Beirute, recolocá-la no mapa dos investimentos e formar uma nova elite intelectual em seu país.

Este, Senhor Presidente, o motivo que me leva a requerer a Vossa Excelência e ao Plenário, este voto de pesar e homenagem ao grande libanês, vítima de covarde atentado de morte, que interrompeu, ainda jovem, sua brilhante carreira de empresário e político, com mensagem à embaixada e ao governo do seu país.

Sala das Sessões, 16 de fevereiro de 2005.

– **Pedro Simon.**

Publicado no **Diário do Senado Federal** de 17 - 02 - 2005